

GOVERNADORES E PAPAGAIOS

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

O almirante Penna Botto não gostou das entrevistas que o professor Carvalho Pinto andou concedendo aos jornais cariocas, e escreveu-lhe uma carta maguada, decepcionada, a respeito das palavras atribuídas ao professor e referentes ao sr. Henrique Teixeira Lott. "De duas uma — diz o almirante — ou vossa excia. desconhece os fatos ocorridos no mês de novembro de 1955... ou vossa excia. se deixa insensivelmente arrastar pela onda da "inversão de valores" que melancólica e perigosamente invade este pobre País".

A rigor eu não tenho nada com a discussão ou briga entre o almirante e o professor, e talvez fôsse melhor deixar o professor responder e o almirante replicar e ir eu cuidar de outra coisa, do preço da roupa lavada, por exemplo, que subiu hoje, porque a roupa lavada tem um caráter de universalidade (que justifica o artigo) e um de particularidade (que justifica perfeitamente meu acréscimo de aflição). Meto-me entretanto na discussão ou briga porque julgo ter achado uma terceira solução que escapou ao almirante. Realmente, a posição do professor não está no primeiro OU, nem no segundo. Está simplesmente no caso de outro

fenômeno, que também tem sua importância e sua gravidade, e que consiste no divórcio que vem sendo proclamado entre a palavra e o conceito. Até aqui as palavras, os discursos, as declarações, queriam dizer alguma coisa: mal ou bem, quem abria a boca ou pegava na pena queria transmitir uma idéia, um sentimento, um fato. Ora, essa finalidade da linguagem parece que acabou, e que está sendo enterrada solenemente pelo governo do dr. Juscelino. Vejam por exemplo o discurso que êle fez. Pretenderá alguém que aquilo tenha sentido? Ousará alguém afirmar que sua excia. quis dizer alguma coisa? E' claro que não. Discurso é coisa pequena, e o Presidente já deixou declarado sua repugnância pelas coisas pequenas. No caso do governador paulista observá-se o mesmo vazio que representa um progresso na técnica das relações humanas. E' verdade que foi assediado por jornalistas, e êsses meus colegas, quando querem encher um retângulo de papel, recuam diante de muito pouca coisa. Ainda ontem um dêles me telefonou para perguntar, muito seriamente, muito respeitosamente, se o Stalin estava no céu. E' curioso êste paradoxo de nossos dias: quanto mais angustiosamente se procura a palavra, menos ela vale. Na verdade, sr. Almirante, aquilo que o governador eleito de São Paulo declarou aos jornalistas, não passa de uma bobagem convencional como tudo o que os personagens importantes costumam dizer quando são apertados pelos jornalistas. E' por essas e outras que não quero ser governador a não ser de mim mesmo e de minha exígua tribo, que agora, diga-se de passagem, além de andar mais mal nutrida andarás mais suja por causa do tal aumento da roupa lavada.

Tudo isto dá pena. Não me refiro à comida e à roupa lavada, refiro-me à sinceridade dos homens públicos. Dá pena ver subir à governança um professor limpo e inteligente, e tão depressa ouvi-lo falar como um papagaio. Há um — refiro-me a papagaio — em São Paulo fazendo sucesso por falar em português e em alemão. Perguntem-lhe o que pensa êle do general Lott e de Brasília.